

TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM

Relatos do PIBID de Geografia em Porto Nacional-TO

Denis Ricardo Carloto (organizador)

TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM

Relatos do PIBID de Geografia em Porto Nacional-TO

Denis Ricardo Carloto (organizador)

DENIS RICARDO CARLOTO
(ORGANIZADOR)

TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM: RELATOS DO PIBID DE GEOGRAFIA EM PORTO NACIONAL-TO

VOLUME ÚNICO

DENIS RICARDO CARLOTO
(ORGANIZADOR)

TERRITÓRIOS DE APRENDIZAGEM: RELATOS DO PIBID DE GEOGRAFIA EM PORTO NACIONAL-TO

1ª Edição
Volume Único

PALMAS
2026

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitora
Maria Santana Ferreira dos Santos
Milhomem

Vice-reitor
Marcelo Leineker Costa

**Pró-Reitor de Administração e Finanças
(PROAD)**
Carlos Alberto Moreira de Araújo Junior

**Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento
(PROAP)**
Eduardo Andrea Lemus Erasmo

**Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
(PROEST)**
Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitor de Extensão (PROEX)
Bruno Barreto Amorim Campos

**Pró-Reitora de Gestão e
Desenvolvimento de Pessoas
(PROGEDEP)**
Michelle Matilde Semiguen
Lima Trombini Duarte

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)
Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
(PROPESQ)**
Marcos Vinicius Giongo Alves.

**Pró-Reitora de Tecnologia e
Comunicação (PROTIC)**
Olívia Tozzi Bittencourt

**Conselho Editorial
Presidente**

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abecbrasil.org.br>



<http://www.abeu.org.br>

Territórios de Aprendizagem: Relatos do PIBID de Geografia em Porto Nacional-TO

Ficha técnica:

Capa: Antonio André Barcelos Chagas

Revisão Linguística: os autores

Revisão Técnica: Juliana Santana de Almeida

Ruhena Kelber Abrão

Diagramação: Antonio André Barcelos Chagas

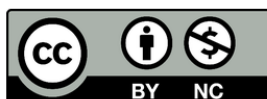
DOI: 10.20873//_eduft_2026_29

Ficha catalográfica:

Copyright © 2026 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

www.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco
IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins**

W388 Territórios De Aprendizagem: Relatos Do Pibid De Geografia Em Porto Nacional-To [livro digital] Volume Único / Organização: Denis Ricardo Carloto.

Palmas, TO
: EdUFT, 2026.
65 p.

ISBN nº 978-65-5390-276-3

1. Território 2. Aprendizagem 3. Relatos 4. Tocantins 5. Geografia; I. Carloto, Denis Ricardo. II. Territórios De Aprendizagem: Relatos Do Pibid De Geografia Em Porto Nacional-To.

CDD 980.1

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Apresentação

Paulo Freire[1] nos ensina que a docência não se constitui apenas pelo domínio de conhecimentos, mas pela disposição permanente de aprender, de dialogar e de refletir sobre aquilo que fazemos. Ensinar e aprender, nessa perspectiva, são movimentos inseparáveis: enquanto se ensina, aprende-se; enquanto se aprende, transforma-se também a maneira de ensinar. É nessa relação viva entre conhecimento, experiência e reflexão que a prática educativa encontra sua dimensão humana e transformadora.

Formar professores é cuidar desses encontros. É criar condições para que o conhecimento construído na universidade encontre a vida que pulsa nas escolas; para que a teoria dialogue com a experiência; para que a pergunta encontre espaço antes da resposta. A formação docente acontece nesse movimento, nem sempre linear, entre estudar, observar, experimentar, errar, recomeçar, refletir e aprender. É nesse caminho que a práxis educativa ganha vida: quando pensar e fazer se encontram e se transformam mutuamente.

Nesse horizonte se inscreve o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Ao aproximar os estudantes das licenciaturas do cotidiano das escolas públicas desde os primeiros momentos de sua formação, o Programa permite que a docência deixe de ser apenas uma ideia e passe a ser uma experiência vivida. Criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em 2007, o PIBID consolidou-se como uma importante política pública de formação de professores no Brasil, fortalecendo a articulação entre universidade e escola e fazendo desse encontro um território de aprendizagem.

A escola, nesse percurso, não é apenas o lugar onde se aplica aquilo que se aprendeu. É lugar de descoberta. É espaço de histórias,

afetos, conflitos, saberes, sonhos e possibilidades. É onde os futuros professores encontram estudantes reais, com diferentes trajetórias e modos de ver o mundo, e descobrem que ensinar exige conhecimento, mas também escuta; exige planejamento, mas também sensibilidade; exige segurança, mas também abertura para aprender com o inesperado.

E a universidade, quando atravessa os muros que a cercam e se dispõe a escutar a escola, também se transforma. Aprende com os professores que vivem cotidianamente os desafios da educação pública, com os estudantes que reinventam os sentidos do aprender e com as comunidades que dão significado aos territórios. Escola e universidade deixam, assim, de ocupar lugares distantes e passam a construir, juntas, novos caminhos para a formação docente.

É desse encontro que nascem as experiências reunidas nesta obra. São relatos de quem esteve na escola, caminhou por seus espaços, ouviu seus sujeitos, planejou atividades, experimentou linguagens, reinventou estratégias e descobriu, na prática, que cada turma e cada realidade exige um olhar atento e singular. Cartografia, música, cinema, jogos, cultura, identidade, ancestralidade, território e tantas outras possibilidades pedagógicas tornam-se caminhos para aproximar o conhecimento da vida e fazer da aprendizagem uma experiência mais significativa.

Há, em cada relato, algo que ultrapassa a atividade realizada. Há o desejo de ensinar e a descoberta de que, ao ensinar, também se aprende. Há o planejamento que precisou ser revisto, a estratégia que precisou ser reinventada, a pergunta inesperada que abriu novos caminhos. Há, sobretudo, a formação de sujeitos que começam a reconhecer a docência não apenas como profissão, mas como compromisso humano e social.

Essa dimensão ganha um significado especial na Universidade Federal do Tocantins – UFT. Uma universidade pública não existe apartada da sociedade. Ela pertence aos territórios onde está presente

e assume, diante deles, a responsabilidade de produzir conhecimento, formar pessoas e contribuir para a transformação da realidade. No Tocantins, estado marcado pela diversidade de povos, culturas, paisagens e modos de vida e situado em uma região de encontro do Cerrado com a Amazônia, formar professores significa também reconhecer os territórios, suas histórias, seus saberes e suas singularidades.

Por isso, a presença da UFT nas escolas públicas, por meio do PIBID, é mais que uma parceria institucional. É expressão do seu compromisso com a educação pública, com a formação de professores e com as políticas educacionais do território tocantinense. É reconhecer que a escola tem muito a ensinar à universidade e que a universidade pode contribuir para que novos sonhos e possibilidades encontrem lugar na escola.

Esta coleção nasce desse compromisso. Cada volume guarda um pouco dos lugares onde foi construído, das pessoas que dele participaram e das experiências que deram sentido ao caminho percorrido. São memórias de formação, mas também registros de uma educação que acontece todos os dias, muitas vezes silenciosamente, nas salas de aula, nos corredores das escolas, nas conversas, nos planejamentos e nos encontros.

Ao tornar públicas essas experiências, a UFT reafirma que a formação de professores se faz com diálogo, presença e compromisso. Reafirma que a escola pública é espaço de conhecimento, de criação e de transformação. E reafirma que ensinar é também aprender a olhar o mundo com mais atenção e a acreditar que, por meio da educação, outros mundos podem ser possíveis.

Que estas páginas sejam, portanto, mais do que um registro. Que sejam memória e convite. Memória dos caminhos percorridos e convite para que outros caminhos sejam experimentados. Que inspirem novos encontros entre universidade e escola, entre professores e estudantes, entre conhecimento e vida. E que cada experiência aqui compartilhada

nos lembre de que educar é, antes de tudo, um gesto de presença, de esperança e de compromisso com o outro e com território.

Palmas (TO), agosto de 2026.

Profa. Dra. Kátia Cristina Custódio Ferreira Brito
Coordenadora de Programas Especiais em Educação – CPEE/UFT

Prof. Dr. Robson Vila Nova Lopes
Diretor de Políticas em Educação – DPE/UFT

Profa. Dra. Valdirene Gomes dos Santos de Jesus
Pró-Reitora de Graduação – PROGRAD/UFT

[1] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Sumário

Capítulo 1.....	9
A Musicalidade Negra Como Vetor Crítico Na Escola E Os Desafios Da Educação Geográfica.....	9
Capítulo 2.....	14
Bingo Geográfico: Uma Estratégia Lúdica para o Ensino do Continente Antártico no 8º Ano.....	14
Capítulo 3.....	19
Cartografia da Ancestralidade Negra: relato de uma experiência educativa.....	19
Capítulo 4.....	29
Construindo Identidades: O Papel do PIBID na Valorização de Autores Negros na Educação Geográfica.....	29
Capítulo 5.....	36
Promovendo a Consciência Negra através do Cinema: Relato de uma Experiência Educativa.....	36
Capítulo 6.....	42
Religiões de Matriz Africana: Contextualização, Significados e Contribuições para o Ensino de Geografia.....	42
Capítulo 7.....	49
Tabuleiro Clima e Tempo: uma maneira lúdica de aprender Geografia. 49	
Sobre os organizadores.....	57

Capítulo 1

A Musicalidade Negra Como Vetor Crítico Na Escola E Os Desafios Da Educação Geográfica

Sávio Cirqueira Cunha
Tallysson Andre Sales Pereira
Murilo Henrique Lisboa Gomes
Denis Ricardo Carloto

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência visa descrever e analisar as práticas pedagógicas e o desenvolvimento do senso crítico no ensino de Geografia, a partir de vivências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, em Porto Nacional, Tocantins. A instituição, localizada no Setor Novo Planalto, uma zona periférica, é o palco de uma análise aprofundada sobre a capacidade da Geografia Escolar de promover a criticidade e a emancipação em contextos de vulnerabilidade socioespacial. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio, sua missão institucional é "ir além do ensino formal", dedicando-se à formação de cidadãos críticos e conscientes.

A escola, que atende a um total de 766 alunos distribuídos entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, está inserida em uma comunidade marcada por altos índices de pobreza, dificuldades econômicas e vulnerabilidade, com muitas famílias dependentes de programas governamentais. Em relação à infraestrutura, a unidade, embora conte com 15 salas de aula climatizadas, enfrenta desafios estruturais significativos, como a ausência de quadra poliesportiva e refeitório adequado, além da falta de laboratório de informática, contrastando com um esforço pedagógico contínuo, que inclui a oferta de itinerários formativos e a participação em programas de correção de fluxo. Embora o modelo de análise tenha sido concebido inicialmente para contrastar esta realidade com uma intervenção de estágio em escola central, o foco se concentra na rica experiência

desenvolvida com a turma do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Pedro Ludovico. O engajamento dessa turma em temáticas sociais, como já havia sido observado em uma aula anterior sobre IDH, demonstra uma "disparidade" de potência crítica em relação às expectativas frequentemente negativas atribuídas a escolas periféricas. A disciplina de Geografia Escolar possui um papel importante na escola brasileira, por "desenvolver o senso crítico-analítico, a atuação responsável no espaço geográfico e o exercício da cidadania" (GUERRA, 2020, p. 5). Nesse sentido, o PIBID atuou para superar o que Anjos (2020) denomina "geografia da inexistência", que omite ou estereotipa a população negra e o contexto periférico. A oficina "Musicalidade Negra e Colagem" foi o vetor escolhido para articular a Geografia Crítica com a Lei nº 10.639/03, estimulando a reflexão a partir da cultura e da identidade, elementos centrais da realidade juvenil.

APROFUNDAMENTO

A oficina "Musicalidade Negra e Colagem" foi ministrada para a turma do 3º ano do Ensino Médio, no dia 19 de novembro de 2025, integrando o evento da Consciência Negra. O planejamento ocorreu nas duas semanas antecedentes, durante as aulas de terça-feira pela manhã. A metodologia empregada buscou integrar a História e Cultura Afro-brasileira com a Geografia, utilizando dois conceitos principais: Cultura e Paisagem Sonora.

O ponto de partida foi a premissa de que a origem do artista e seu lugar de vivência se refletem diretamente em sua música, o que permite analisar as transformações e permanências do espaço geográfico através do som e das letras. Foram abordados diversos gêneros, como Jazz, Blues, Samba, Funk, Indie e MPB, e a história dos tambores. A atividade prática consistiu na elaboração de colagens em cartolina, com o objetivo de expressar a crítica social presente na música e nas letras do gênero de maior afinidade do grupo. Os alunos utilizaram materiais impressos (fotos, letras, elementos visuais), cola, tesoura e canetinhas. Embora a orientação não tenha focado

explicitamente na representação espacial em termos cartográficos, a proposta era que a colagem funcionasse como um dispositivo para a leitura de mundo, permitindo "composição, percepção e espacialidade" através do rearranjo de fragmentos (LAWISCH, 2023).

Foto I – Resultado do trabalho de colagem dos artistas negros



Fonte: Acervo dos autores

A intervenção ocorreu em um contexto de desafio de autoridade. Devido à licença do professor supervisor do PIBID, Murilo Henrique Lisboa Gomes, os acadêmicos assumiram a turma. Os alunos manifestaram desinteresse inicial pela atividade, alegando já possuir pontuação suficiente em outras disciplinas. A motivação para a realização do trabalho só foi alcançada mediante a intervenção de perda de nota, o que, conforme Mendes (2013), reflete o complexo dilema da motivação no Ensino Médio, onde o valor do aprendizado muitas vezes é substituído pela lógica da avaliação. Contudo, a experiência foi mediada pelo apoio de alunos líderes (Cecília, Maria Eduarda e Guilherme) e pela nossa iniciativa de também elaborar uma colagem

modelo, reforçando a importância do engajamento e do fazer pedagógico.

RESULTADOS

Apesar do desafio inicial com a autoridade, a oficina confirmou a potência da cultura negra como vetor de criticidade. O debate gerado, por exemplo, em torno do grupo Racionais MC's, expôs como os alunos da periferia de Porto Nacional (Setor Novo Planalto) leem a desigualdade social e o racismo através da música. A análise do Rap demonstrou uma compreensão da realidade socioespacial que é inerente à vivência da periferia (GUIMARÃES, 1998; DAMACENO; BARSALINI, 2024).

O tema da Musicalidade Negra, ao promover a história e a cultura afro-brasileira, alinhou-se diretamente com o que o PPP do Colégio Pedro Ludovico almeja: a emancipação e a criticidade. A intervenção mostrou que a escola, ao incorporar a Lei 10.639/03, pode combater as "representações negativas" da população negra nos livros didáticos de Geografia (RATTS et al., 2003) e promover o fortalecimento do repertório sociocultural dos estudantes (REBEKA, 2021). O paradoxo observado reside na constatação de que o alto senso crítico da turma, demonstrado na aula anterior sobre IDH, não se traduziu em engajamento imediato na oficina cultural. Isso sugere que os desafios do Ensino Médio não se resumem à carência de conteúdo (SILVA; VIEIRA, 2024), mas também a questões estruturais de motivação e à dificuldade dos pibidianos em assumir a figura de autoridade na ausência do regente.

No entanto, o resultado aponta que a vulnerabilidade socioespacial não é um fator determinístico de apatia. Pelo contrário, quando a escola propõe temas culturalmente relevantes e conectados à identidade (como a Música Negra), essa vulnerabilidade se converte em potencial para a crítica e a intervenção no espaço geográfico. Conclui-se que o "entorno social" da escola periférica não é limitante. A experiência no Colégio Dr. Pedro Ludovico Teixeira demonstrou que a

inserção da Cultura na Geografia Escolar, aliada a metodologias lúdicas como a colagem, é essencial para o desenvolvimento do senso crítico, cumprindo o papel social da Geografia de formar cidadãos capazes de intervir e transformar a sua realidade.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. A geografia afro-brasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 104, p. 23-40, jul./dez. 2020.

COLÉGIO ESTADUAL DR. PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA. **Projeto Político Pedagógico**. Porto Nacional, 2025.

DAMACENO, Natália; BARSALINI, Glauco. Cultura, decolonialidade e religião: um olhar da música alternativa latino-americana. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-105, 2024.

GUERRA, Fábio Soares. Geografia escolar e o papel do professor no contexto contemporâneo. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-9, 2020.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. **Do Samba ao Rap: a música negra no Brasil**. 1998. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LAWISCH, Andressa Pacheco. **Colagem em sala de aula: composição, percepção e espacialidade**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

MENDES, Marcelo Simões. Da inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no ensino médio. **Estudos de Psicologia**, [S. l.], 2013.

RATTS, Alecsandro J. P. *et al.* Representações da África e da população negra nos livros didáticos de Geografia. **Revista Geografia**, [S. l.], n. 5, p. 5-30, 2003.

REBEKA, S. S. O. A. Cultura Afro-brasileira e Consciência Negra: o lúdico como intervenção pedagógica no ensino de Geografia. **Revista Metodologias e Aprendizado**, [S. l.], v. 4, 2021.

SILVA, Bernard Arthur da; OLIVEIRA, Elany Ribeiro de. "Tipo assim, pra nós, no dia, porque o aluno presta mais atenção, né?": música negra e cinema negro na E.E.E.M. Raimundo Henrique de Miranda enquanto linguagens do ensino de história africana e afro-brasileira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES NEGROS, 10., 2018, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU, 2018.

SILVA, Liliane Dias Rocha; VIEIRA, Timóteo Madaleno. Juventude e os Desafios do Ensino Médio: diversidade, desenvolvimento e transição. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 9, n. 6, 2024.

Capítulo 2

Bingo Geográfico: Uma Estratégia Lúdica para o Ensino do Continente Antártico no 8º Ano

Bruno Freire da Silva
Maria Dalila Pereira
Paulo Bruwe Xerente
Thiago Teles de Souza
Francisca Bispo de Souza
Denis Ricardo Carloto

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia enfrenta o desafio constante de conectar conteúdos curriculares à realidade dos alunos, despertando seu interesse e promovendo uma aprendizagem significativa. Em um cenário educacional que demanda práticas cada vez mais dinâmicas e participativas, o uso de metodologias ativas surge como uma alternativa potente às aulas expositivas tradicionais. A gamificação, em particular, que consiste no uso de elementos de jogos em contextos de não-jogo, tem se mostrado uma ferramenta eficaz para aumentar o engajamento, a motivação e a fixação de conhecimento.

Nesse contexto, este trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida na manhã do dia 11 de novembro, em duas turmas de 8º ano. A iniciativa, fruto de uma parceria entre bolsistas do PIBID de Geografia e a professora titular da disciplina, Francisca, buscou inovar na abordagem do conteúdo "Continente Antártico". Diante da necessidade de criar uma atividade que fosse ao mesmo tempo educativa e estimulante para alunos em regime de tempo integral, optou-se por desenvolver uma oficina que se distanciasse de formatos convencionais, como questionários. A proposta foi criar um "Bingo Temático", uma atividade lúdica que integrasse revisão de conteúdo, tecnologia e interação, transformando a sala de aula em um ambiente de aprendizado mais ativo e dinâmico.

METODOLOGIA

A construção da oficina foi estruturada em três etapas principais: planejamento, elaboração dos materiais e aplicação.

- **Planejamento:** A fase inicial consistiu na definição da estratégia pedagógica. Após algumas ideias e discussões no grupo do PIBID, decidiu-se pela criação de um "Bingo Temático" como forma de inovar as atividades avaliativas convencionais. O objetivo era revisar o conteúdo sobre o Continente Antártico de maneira dinâmica, promovendo a participação e uma competitividade saudável.
- **Materiais e Elaboração:** Para a construção do bingo, foram utilizadas duas fontes principais de conteúdo: o livro didático adotado pela escola e um documentário sobre a Antártida, previamente exibido aos alunos pela professora regente. A partir desses materiais, foram selecionadas 30 palavras-chave pertinentes ao tema (ex: "Tratado da Antártida", "krill", "estações de pesquisa", "icebergs", etc.).

Foram confeccionadas cartelas de bingo impressas, distribuídas individualmente. Cada cartela continha 12 palavras dispostas de forma aleatória, selecionadas do universo das 30 palavras totais. Para o sorteio, a bolsista Dalila sugeriu o uso da plataforma online WorldWall. Uma roleta digital foi criada no site, contendo todas as palavras-chave, o que permitiu um sorteio visualmente atraente, interativo e acessível, projetado a partir de um notebook.

Aplicação: A oficina foi aplicada nas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, e a dinâmica seguiu o formato tradicional do bingo: uma palavra era sorteada e os alunos marcavam em suas cartelas caso a tivessem. O vencedor seria aquele que preenchesse a cartela primeiro. O diferencial metodológico, idealizado pela bolsista Dalila, consistia em uma pausa após cada sorteio. Nesse momento, o bolsista ou a professora explicavam o significado da palavra sorteada e seu contexto

dentro do tema, transformando o jogo em uma ferramenta de revisão contínua e esclarecimento de dúvidas.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A aplicação da oficina gerou resultados extremamente positivos, observados tanto no engajamento dos alunos quanto em seus relatos posteriores. A dinâmica do bingo temático se mostrou eficaz em capturar a atenção dos estudantes, incluindo aqueles que costumam ser menos participativos em aulas tradicionais. A competitividade inerente ao jogo, aliada ao objetivo de aprendizado, criou um ambiente de "tensão" produtiva, onde os alunos se mostraram focados e sintonizados com a atividade.

Ao final da oficina, uma avaliação qualitativa foi conduzida por meio de uma conversa coletiva. Os depoimentos dos alunos foram fundamentais para a análise do impacto da atividade. De modo geral, a avaliação foi positiva, com destaque para os seguintes pontos:

- **Facilitação da Aprendizagem:** Relatos como "Aprendi mais porque a aula ficou diferente" e "Assim fica mais fácil lembrar das coisas que a professora explicou" evidenciam que a abordagem lúdica contribuiu para a fixação do conteúdo.
- **Importância da Mediação Docente:** A estratégia de explicar cada palavra sorteada foi altamente valorizada. Um aluno comentou: "Quando saía a palavra e explicava de novo, dava pra entender melhor". Outro destacou que, embora a competição fosse divertida, "o melhor era quando a senhora fazia a pergunta", reforçando a relevância da intervenção pedagógica durante a dinâmica.
- **Engajamento e Motivação:** A natureza competitiva do jogo foi um fator motivacional. A fala "Deu mais vontade de prestar atenção pra ganhar no bingo" ilustra como a gamificação pode aumentar o foco e o interesse dos estudantes.
- **Percepção sobre a Rotina Escolar:** A atividade também serviu como um catalisador para que os alunos expressassem suas

opiniões sobre as práticas pedagógicas, com sugestões como “podia parar de copiar muito” e “podia passar filme nas sextas-feiras”. Isso revela uma demanda por metodologias mais diversificadas.

A experiência demonstrou que a combinação de um jogo tradicional com uma ferramenta tecnológica simples (WorldWall) foi bem-sucedida. A oficina não apenas serviu como uma revisão de conteúdo, mas também promoveu um ambiente de aprendizado mais democrático e participativo, como sintetizado na fala de um aluno: “Eu gostei, a aula foi diferente e todos participaram, foi uma ideia legal”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o “Bingo Geográfico” reforça a importância e a eficácia da incorporação de metodologias ativas e lúdicas no ensino de Geografia. A atividade demonstrou ser uma ferramenta poderosa não apenas para revisar e fixar conteúdos, mas também para transformar a dinâmica da sala de aula, tornando-a mais participativa, motivadora e significativa para os alunos.

Conclui-se que a oficina atingiu plenamente seus objetivos, promovendo o aprendizado de forma leve e engajadora. A avaliação positiva por parte dos estudantes e a visível mudança em seu comportamento durante a atividade validam a estratégia como uma prática pedagógica de sucesso. A experiência serve, portanto, como inspiração para que educadores busquem constantemente inovar, utilizando a criatividade, a tecnologia e, acima de tudo, a escuta ativa das necessidades e interesses de seus alunos para construir um processo de ensino-aprendizagem verdadeiramente transformador.

Anexos

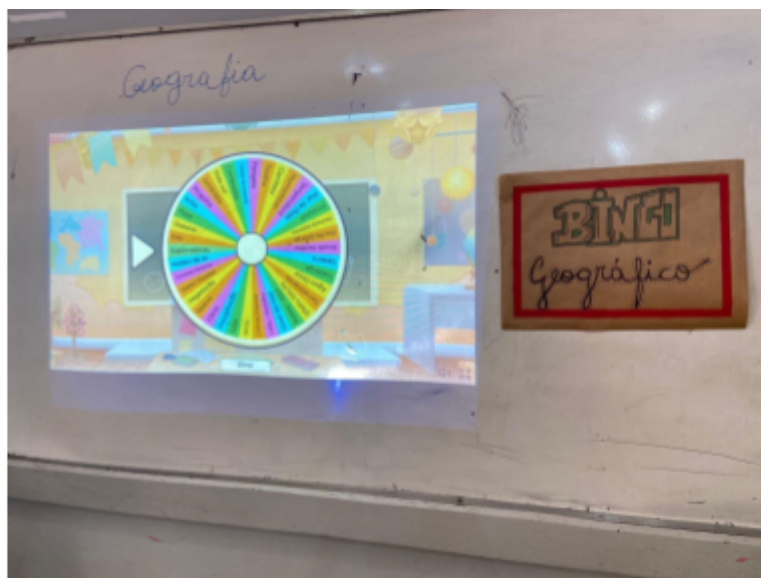
Territórios de Aprendizagem: Relatos do PIBID de Geografia em Porto Nacional-TO

Alunos marcando na cartela

Roleta do Bingo Geográfico - WorldWall



8º ano (82.01)



Capítulo 3

Cartografia da Ancestralidade Negra: relato de uma experiência educativa

Darlene Ribeiro Magalhães
Flávio Henrique Menezes Assunção
Geovanna Matos de França
Jovina dos Reis Neto
Kauane Fernandes Barbosa
Luiza Pereira Silva Neta
Quezia Daniela Pereira Gomes Oliveira
Takalami de Aquino Souza Santos
José Renan Araujo Souza
Denis Ricardo Carloto

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constitui uma política educacional fundamental para a formação de professores, promovendo a imersão dos licenciandos no cotidiano escolar e fortalecendo o diálogo entre teoria e prática. No subprojeto de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), as ações desenvolvidas buscam articular os fundamentos da educação geográfica, metodologias ativas e princípios da formação cidadã crítica.

É nesse contexto que se insere a oficina “Cartografia da Ancestralidade Negra”, planejada e executada no Colégio Militar do Tocantins Custódia da Silva Pedreira, com estudantes do 3º ano do Ensino Médio. A intervenção contou com a colaboração da equipe escolar e a participação ativa dos pibidianos.

A proposta surgiu da necessidade de integrar os conteúdos de cartografia à discussão sobre território, identidade, ancestralidade e cultura afro-brasileira, especialmente considerando o mês da Consciência Negra e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em destaque a Competência Específica 1 das Ciências Humanas e a habilidade EM13CHS104.

Compreendida como um instrumento de representação do espaço e de poder, a cartografia permite não apenas localizar

fenômenos, mas também analisar disputas, invisibilizações e resistências inscritas nas paisagens e nos territórios. Assim, o estudo de escalas, orientações, símbolos, coordenadas e rotas torna-se uma via para a leitura crítica do mundo, sobretudo quando articulado às lutas e contribuições dos povos negros no Brasil, nos quilombos e no contexto local.

O desenvolvimento da atividade ocorreu em duas etapas complementares: a) Etapa Teórica e de Sensibilização: realizada no laboratório de informática, consistiu em apresentações de slides, exibição de vídeos educativos e construção coletiva de mapas que representaram memórias negras e territórios de resistência; b) Oficina Prática “Cartografia da Ancestralidade Negra”: nesta fase, os estudantes foram organizados em equipes e utilizaram bússolas, mapas da escola, fitas de marcação e charadas cartográficas para percorrer sete pontos definidos por coordenadas e passos. Cada parada articulava um conceito da cartografia à valorização da identidade negra.

O planejamento da oficina envolveu uma reunião específica dos pibidianos, na qual foram definidos o percurso, as charadas, os azimutes, os materiais necessários, a organização dos grupos e as estratégias de mediação durante a atividade.

A realização da oficina possibilitou a observação de diferentes níveis de engajamento entre as turmas, além de evidenciar aspectos relevantes da dinâmica sociocultural da escola. Nesse contexto, foram identificados desafios, como o desinteresse de alguns estudantes, a rivalidade existente entre determinadas turmas e as dificuldades enfrentadas na realização de atividades cooperativas.

Apesar desses desafios, a intervenção gerou momentos significativos de aprendizagem, participação ativa e produção de sentidos por parte dos alunos, fortalecendo a consciência histórica e o entendimento crítico do espaço geográfico.

A oficina “Cartografia da Ancestralidade Negra” constituiu-se como uma experiência formativa relevante tanto para os estudantes quanto para os licenciandos do PIBID. A atividade contribuiu para o

desenvolvimento de competências cartográficas, para a valorização das identidades negras e para o aprimoramento da prática docente em formação, ao articular teoria, metodologias ativas e reflexão crítica.

DESENVOLVIMENTO

As ações desenvolvidas no âmbito do PIBID – Geografia da UFT se fundamentam na aproximação entre os estudos teóricos da formação inicial e a prática docente. À medida que os bolsistas adentram o cotidiano escolar, compreendem a complexidade desse espaço, marcado por dinâmicas sociais diversas, exigindo intervenções pedagógicas que aliem rigor metodológico, criatividade e sensibilidade sociocultural.

O Colégio Militar do Tocantins Custódia da Silva Pedreira, campo de atuação do subprojeto, apresenta desafios comuns ao contexto da escola pública brasileira, como heterogeneidade social, rivalidade entre turmas e dificuldades de engajamento. Esses elementos influenciaram todo o planejamento da oficina “Caça ao Tesouro Afrocentrado”, pensada para integrar conteúdo da cartografia, estudo do território e valorização da identidade negra, em consonância com as competências da BNCC e com o mês da Consciência Negra.

O processo iniciou-se com uma reunião pedagógica na qual os pibidianos definiram objetivos, materiais, percurso, charadas, pontos de parada e estratégias de mediação. Essa etapa envolveu leitura prévia do espaço escolar, medição de distâncias, definição de coordenadas aproximadas, criação dos desafios e simulação do circuito para evitar imprecisões. Simultaneamente, foram estudados materiais teóricos sobre cartografia escolar, relações étnico-raciais e metodologias investigativas, fundamentando as escolhas didáticas.

Como preparação dos estudantes, realizaram-se aulas teóricas e de sensibilização no laboratório de informática, utilizando slides, vídeos, mapas interativos e discussões mediadas. Debateram-se a função social da cartografia, a representatividade dos povos negros, os quilombos como territórios de resistência e a importância de

interpretar o mapa como linguagem e instrumento crítico. Esse momento inicial permitiu nivelar conhecimentos e situar a atividade prática num contexto cultural e histórico significativo.

A execução da oficina revelou diferenças entre as turmas: algumas demonstraram entusiasmo, colaboração e dinamismo; outras apresentaram resistência, dispersão e conflitos internos, exigindo constante mediação da equipe. Ainda assim, a atividade proporcionou experiências significativas, mobilizando habilidades de localização, orientação espacial, contagem de passos, leitura de legenda e compreensão de conceitos como azimute e coordenadas. As charadas afrocentradas funcionaram como um elo entre conhecimento científico e identidade cultural, reforçando a relevância dos povos negros na formação do território.

Durante todo o percurso, os pibidianos atuaram como mediadores, observando interações, incentivando a cooperação e refletindo sobre o papel docente em atividades práticas. Essa vivência aproximou os bolsistas das concepções de Paulo Freire, ao valorizar a aprendizagem pela experiência e pelo diálogo; de Castellar, ao enfatizar a alfabetização cartográfica; e de Milton Santos, ao compreender a escola enquanto espaço de relações e construção do território.

Por fim, o desenvolvimento da oficina contribuiu para o amadurecimento pedagógico dos licenciandos, evidenciando a importância de planejar intervenções alinhadas ao contexto escolar e às necessidades dos estudantes, bem como de adaptar estratégias diante dos desafios emergentes.

METODOLOGIA

A oficina iniciou-se com um momento de sensibilização sobre a importância da Consciência Negra, enfatizando a ancestralidade, a cultura e a história dos povos negros no Brasil. Uma aluna realizou a leitura do poema “Lutas e Raízes”, seguida de uma breve reflexão sobre Zumbi dos Palmares, conectando identidade, território e resistência.

Essa abertura teve como objetivo preparar os alunos para compreender o significado cultural da atividade cartográfica.

Em seguida, uma pibidiana apresentou as orientações gerais da oficina. As turmas foram divididas em quatro grupos, cada um acompanhado por dois pibidianos, responsáveis pela mediação, esclarecimento de dúvidas e validação das respostas das charadas.

Figura 1 – Momento de declamação de poesia aos alunos



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Antes da execução da dinâmica, os grupos receberam instruções padronizadas sobre o uso da bússola digital no celular, a leitura de azimutes e sua correspondência com as direções, a interpretação de coordenadas geográficas aproximadas e a contagem de passos como medida proporcional de distância, além das regras gerais que orientariam o desenvolvimento da atividade.

Figura 2 – Explicação de aluna pibidiana sobre a atividade da oficina.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

A atividade consistiu em percorrer um circuito de sete pontos marcados no espaço escolar com fitas coloridas. Cada ponto continha uma charada afrocentrada elaborada pelos pibidianos, com base em elementos da cultura quilombola, da ancestralidade negra e dos debates realizados nas aulas teóricas.

Durante o planejamento, os pibidianos realizaram medições no espaço escolar para determinar a localização aproximada de cada ponto da atividade. Para isso, foram definidos azimutes e coordenadas geográficas aproximadas, bem como o número de passos necessários entre um ponto e outro, garantindo coerência cartográfica no percurso.

As coordenadas utilizadas na dinâmica foram as seguintes:

- 1º ao 2º ponto: 350º Norte, 50 passos
- 2º ao 3º ponto: 118º Sudeste, 69 passos
- 3º ao 4º ponto: 314º Oeste, 45 passos
- 4º ao 5º ponto: 196º Sul, 57 passos
- 5º ao 6º ponto: 310º Oeste, 50 passos
- 6º ao 7º ponto: 126º Sudoeste, 26 passos
- 7º ao ponto final: 166º Sul-Sudeste, 46 passos

Essas medidas foram obtidas a partir do mapeamento prévio da escola, utilizando bússola, observação dos alinhamentos espaciais e contagem de passos como unidade de escala. A definição dessas coordenadas foi essencial para garantir que os estudantes aplicassem

conhecimentos cartográficos de orientação, direção e distância ao longo do trajeto.

As coordenadas foram previamente medidas e ajustadas, utilizando direções corretas (como Sudeste, Sudoeste e Oeste) e azimutes exatos.

Figura 3 – Alunos decifrando as charadas para realizar a missão.



Fonte: Acervos do autor (2025).

Para avançar no percurso, o grupo deveria seguir uma sequência de etapas: inicialmente, realizar a leitura da charada proposta; em seguida, tentar respondê-la, com direito a até três tentativas. Caso todas as chances fossem esgotadas sem sucesso, o grupo recebia uma dica; por fim, deveria localizar o próximo ponto do trajeto utilizando a bússola e a contagem de passos.

A divisão de funções dentro dos grupos foi organizada de modo a favorecer a participação equitativa de todos os integrantes. Assim, definiu-se um(a) navegador(a), responsável pelo uso da bússola e pela orientação espacial; um(a) contador(a) de passos, encarregado(a) da medição das distâncias; um(a) cartógrafo(a), responsável por registrar o percurso no mapa simplificado; e um(a) leitor(a) das charadas, encarregado(a) da leitura e da organização das respostas. Essa estrutura contribuiu para o fortalecimento da autonomia e do trabalho coletivo, alinhando-se ao princípio freireano da participação ativa.

Ao final do percurso, os grupos reuniram-se na quadra para compartilhar impressões, dificuldades encontradas e aprendizagens. A equipe que completou o trajeto corretamente e em menor tempo recebeu uma premiação simbólica (bombons), com caráter motivacional, sem incentivar competição excessiva.

A etapa final reforçou o respeito à ancestralidade, à identidade negra e aos valores de cooperação, articulando a prática cartográfica aos objetivos formativos da oficina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina “Cartografia da Ancestralidade Negra” demonstrou ser uma experiência educativa significativa ao integrar conteúdos cartográficos com reflexões sobre território, identidade e ancestralidade negra. Mais do que um jogo, a atividade se constituiu como uma prática investigativa que mobilizou conhecimentos teóricos e socioculturais.

Após a explicação inicial e a distribuição dos materiais (bússola, mapa-base e primeira charada), os grupos iniciaram o percurso acompanhados pelos pibidianos. Observou-se que a divisão das funções — Navegador, Contador de Passos e Cartógrafo — favoreceu a organização interna dos grupos e exigiu a aplicação direta de conceitos cartográficos trabalhados previamente.

Durante a execução da atividade, foram registradas situações significativas, como estudantes que apresentaram dificuldade inicial no uso da bússola, mas que avançaram após a mediação do professor; grupos que dialogavam entre si para alinhar corretamente a direção e o número de passos, evidenciando o desenvolvimento do raciocínio espacial; alunos que, ao lerem charadas relacionadas aos quilombos, estabeleceram de forma espontânea conexões com as discussões sobre resistência negra realizadas nas aulas teóricas; e turmas com histórico de rivalidade que passaram a demonstrar maior cooperação durante a atividade, especialmente quando mediadas adequadamente. Essas observações indicam que a proposta não apenas mobilizou

conteúdos geográficos e históricos, mas também favoreceu interações sociais positivas e colaborativas.

Apesar dos resultados positivos, alguns desafios se evidenciaram ao longo da atividade. Entre eles, destacam-se a dispersão em determinados grupos, o que exigiu intervenções constantes; a ocorrência de conflitos internos que, em alguns momentos, retardaram o andamento da dinâmica; a dificuldade de interpretação das charadas por parte de alguns estudantes; e as limitações estruturais da escola, como ruídos externos e a circulação de pessoas nos espaços utilizados. Esses aspectos reforçam a importância de um planejamento flexível e de uma mediação docente atenta e constante, conforme enfatiza Paulo Freire.

No que se refere à relação com as habilidades da BNCC, a oficina contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da habilidade EM13CHS104, que propõe a análise das relações de poder e das formas de desigualdade e violência; para a Competência Geral 2, relacionada ao uso crítico de diferentes linguagens, incluindo mapas; para a Competência Geral 6, que valoriza a diversidade cultural; e para as competências específicas da Geografia, especialmente aquelas ligadas à leitura, interpretação e representação do espaço geográfico. A mobilização dessas habilidades ocorreu tanto nos momentos de orientação espacial quanto nas reflexões suscitadas pelas charadas de caráter afrocentrado.

De modo geral, a atividade transformou o espaço escolar em um laboratório vivo de Geografia e História. A prática fundamentada no uso de azimutes, localização, contagem de passos e interpretação espacial possibilitou o desenvolvimento de habilidades cartográficas, enquanto o conteúdo cultural afrocentrado favoreceu reflexões críticas sobre identidade, território e resistência. Para os pibidianos, a experiência configurou-se como um importante exercício de mediação, observação e sensibilidade pedagógica, aproximando teoria e prática, conforme discutido por autores como Milton Santos, Castellar e Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

CASTELLAR, Sonia. Educação geográfica e cartografia escolar. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

Capítulo 4

Construindo Identidades: O Papel do PIBID na Valorização de Autores Negros na Educação Geográfica

Elenilda Cardoso de Castro
Guilherme Vieira Machado
Murilo Henrique Lisboa Gomes
Denis Ricardo Carloto

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visa aprimorar a formação inicial de professores, inserindo licenciandos no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Neste contexto, a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra, em 19 de novembro, em alusão ao feriado nacional no dia 20 de novembro, representa uma oportunidade crucial para a aplicação da Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

A atividade relatada ocorreu na Escola Estadual Pedro Ludovico, onde os bolsistas e os estudantes foram responsáveis por uma das salas temáticas da programação especial da escola. O objetivo era ir além das figuras históricas comumente citadas, destacando a contribuição de intelectuais negros para diversas áreas do conhecimento.

Desenvolvimento da Experiência: A Oficina “Autores Negros”

A sala temática foi concebida para ser um espaço de descoberta e construção de conhecimento, focando em três autores negros de inegável relevância para a cultura e ciência brasileiras:

- Autor: Milton Santos
Área de Contribuição: Geografia, Sociologia

Relevância para a Oficina: Único brasileiro a receber o Prêmio Vautrin, sua obra oferece uma perspectiva crítica sobre o espaço e a globalização.

- Autor: Machado de Assis

Área de Contribuição: Literatura

Relevância para a Oficina: Considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira, sua obra inclui uma narrativa histórica que, por vezes, invisibiliza sua negritude.

- Autor: Carolina Maria de Jesus

Área de Contribuição: Literatura, Crítica Social

Relevância para a Oficina: Autora de “Quarto de Despejo”, sua obra é um testemunho potente da vida na favela e um marco na literatura.

A oficina surgiu a partir de um pedido da escola e teve como objetivo trabalhar, junto aos estudantes, a valorização da cultura negra, dos autores negros brasileiros e de suas produções literárias. Essa proposta foi acolhida imediatamente por nossa equipe, que se mobilizou para elaborar atividades significativas e pedagógicas para os estudantes.

Os pibidianos Elenilda Cardoso de Castro e Guilherme Vieira Machado ficaram responsáveis pela parte da oficina que abordava autores negros brasileiros. Para isso, trabalhamos com uma turma do ensino médio para nos ajudar na construção de um painel temático. A tarefa principal consistia em reunir informações, imagens e obras de autores negros, bem como livros de literatura negra que pudessem compor o painel. Antes disso, enfrentamos um desafio inicial: encontrar três caixas de papelão que seriam usadas como base estrutural da montagem. Apesar da aparente simplicidade, essa etapa foi fundamental para que o painel adquirisse firmeza e pudesse ser exposto com qualidade.

A primeira etapa da preparação envolveu a coleta do material. Nós, que éramos responsáveis pela oficina, acompanhados por um grupo de alunos, nos dirigimos a um mercado próximo à escola para buscar caixas de papelão descartadas. Este momento, embora

logístico, já se configurou como uma atividade de campo, reforçando a ideia de que os recursos para a educação podem ser encontrados no próprio entorno social.

A construção do painel ocorreu em duas fases distintas:

1. Montagem da Estrutura: As caixas foram desmontadas e, com o uso de tesouras e grampeadores, foram unidas para formar uma grande superfície. Para servir de base para o conteúdo, um papel pardo foi colado em um dos lados do painel, conferindo-lhe um aspecto rústico e pronto para receber as informações.
2. Criação do Conteúdo: Nesta fase, os estudantes, sob nossa orientação, colaram figuras, fotos e trechos de obras dos autores escolhidos. A seleção do material buscou destacar a diversidade de suas contribuições e a importância de suas trajetórias. O painel se tornou, assim, uma síntese visual e tátil da riqueza da produção intelectual negra. Fotos I e II.

Foto I – Construção do Painel



Foto II – Construção do Painel



Fotos dos autores

No dia do evento, ocorrido em 19 de novembro de 2025, a escola preparou diversas salas temáticas com diferentes atividades e exposições relacionadas ao tema. O painel produzido por mim, Guilherme e a turma da 2ª série ficou exposto em uma dessas salas, que compôs um ambiente enriquecido por materiais visuais, culturais e educativos. Ver o resultado instalado na sala temática foi extremamente gratificante, pois percebemos que nosso trabalho contribuiu para promover reflexões importantes sobre identidade, cultura e história.

Além da montagem da oficina, pude vivenciar outras experiências significativas durante o evento. A escola também realizou uma feira de ciências no mesmo dia, o que tornou a programação ainda mais rica e dinâmica. Visitar as outras salas temáticas e acompanhar o envolvimento dos alunos com o conteúdo apresentado foi enriquecedor e mostrou a importância de trabalhar a temática da Consciência Negra de forma interdisciplinar e interativa.

Outro momento marcante foi minha participação como jurada em um desfile organizado especialmente para o Dia da Consciência Negra. Fui convidada a representar o PIBID de Geografia da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Ser

jurada dessa atividade foi uma honra e uma responsabilidade, pois o desfile buscava valorizar a beleza, a ancestralidade e a identidade negras dos participantes. Ver a dedicação dos estudantes, suas roupas, performances e expressões culturais tornou a experiência ainda mais significativa.

Ao longo de toda a manhã, estive envolvida nas atividades do evento e pude perceber o quanto esse tipo de ação é importante para a comunidade escolar. A experiência foi extremamente enriquecedora, tanto no sentido pessoal quanto profissional. Trabalhar com os alunos, colaborar com meus colegas do PIBID — cada dupla responsável por uma atividade diferente — e presenciar o resultado de todos os esforços foi gratificante. O evento contribuiu para ampliar o conhecimento dos estudantes, fortalecer o respeito às diversidades e reafirmar a importância da cultura negra no ambiente escolar.

A apresentação do painel e da sala temática ocorreu com sucesso durante o evento do Dia da Consciência Negra no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico. A experiência demonstrou a eficácia da metodologia ativa na promoção de temas sensíveis e historicamente marginalizados.

Foto III – Pidiana na construção do Painel



Foto IV – Alunos da escola



Foto V – Alunos da escola



Fonte: Fotos dos autores

As metodologias ativas, ao valorizarem a participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento, promovem o desenvolvimento de competências e o protagonismo dos alunos. O uso do painel de caixas de papelão não apenas facilitou a exposição do conteúdo, mas também serviu como um poderoso catalisador para o protagonismo estudantil. Os estudantes se sentiram parte do processo, desde a coleta do material até a finalização da arte, o que elevou o nível de engajamento e apropriação do tema.

A escolha dos autores negros — Milton Santos, Machado de Assis e Carolina Maria de Jesus — permitiu que os estudantes tivessem contato com modelos de excelência em diferentes campos, combatendo estereótipos e reforçando a autoestima e a identidade negra. A oficina cumpriu seu papel de integrar a teoria (a vida e obra dos autores) com a prática (a construção do painel), alinhando-se aos objetivos do PIBID de promover uma formação docente reflexiva e engajada com as questões sociais.

CONCLUSÃO

A experiência reforça a importância de o PIBID atuar como um agente de transformação no ambiente escolar, utilizando datas comemorativas como o Dia da Consciência Negra para promover uma educação antirracista e valorizar a história e a cultura afro-brasileira, conforme preconiza a legislação educacional. A educação, neste contexto, é o caminho primordial para enfrentar o racismo estrutural e desconstruir a ideologia da superioridade branca.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2015.

BACICH, Lilian; MORAN, José (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, 2005.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2007.

Capítulo 5

Promovendo a Consciência Negra através do Cinema: Relato de uma Experiência Educativa

Marciano Ferreira dos Santos Neto
Tainara Rodrigues Rocha
Murilo Henrique Lisboa Gomes
Denís Ricardo Carloto

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA, MISSÃO, ESTRUTURA FÍSICA, PERFIL DA COMUNIDADE ESCOLAR, ITINERÁRIOS FORMATIVOS E ATIVIDADES CULTURAIS

O Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, está localizado no município de Porto Nacional-TO e tem como missão promover uma educação de qualidade que ultrapasse o ensino formal, buscando a formação integral dos estudantes nos aspectos intelectual, social, cultural e humano. A escola tem como objetivo formar cidadãos críticos, conscientes e participativos na sociedade, capazes de intervir de forma positiva em sua realidade. Suas ações pedagógicas estão fundamentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no Documento Curricular do Estado do Tocantins, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e na Constituição Federal de 1988, valorizando a inclusão, a diversidade, a cidadania, o respeito mútuo e a preparação para o mundo do trabalho.

A instituição, denominada Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, está localizada no Setor Novo Planalto, no município de Porto Nacional, no estado do Tocantins. A escola atende alunos do Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, e do Ensino Médio, funcionando nos turnos matutino e vespertino. Encontra-se em uma região caracterizada por vulnerabilidade social, onde muitas famílias possuem baixa renda. No ano letivo de 2025, a escola atendeu um total

de 776 alunos, sendo 476 no turno matutino e 290 no turno vespertino. A maior parte dos estudantes reside no próprio bairro, em regiões próximas e na zona rural, dependendo, em muitos casos, do transporte escolar fornecido pelo poder público. Grande parte das famílias é beneficiária de programas sociais como o Bolsa Família e o Pé-de-Meia, o que evidencia o perfil socioeconômico de vulnerabilidade da comunidade atendida.

O corpo docente é composto por 31 professores concursados e 33 contratados temporariamente, todos com formação em licenciatura, e muitos com pós-graduação, incluindo especialização, mestrado e doutorado. Esses profissionais atuam nas áreas de Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, além dos componentes curriculares como Projeto de Vida, Oficinas de Leitura, Artes, Filosofia e Sociologia. A escola também conta com uma equipe administrativa e de apoio, responsável pelos setores de direção, coordenação pedagógica, secretaria escolar e serviços gerais, totalizando um quadro geral de 64 servidores. A participação da família ainda representa um desafio devido às rotinas de trabalho dos responsáveis, mas a instituição realiza reuniões e ações de integração com a comunidade.

Em relação à estrutura física, o colégio possui 33 espaços físicos, distribuídos em 15 salas de aula, um laboratório de Ciências, uma biblioteca, uma sala de recursos multifuncionais, sala da direção, salas de coordenação pedagógica e de área, secretaria escolar, sala da equipe multiprofissional, coordenação financeira, sala dos professores, sala de apoio, dois banheiros destinados aos alunos, dois banheiros para servidores, cozinha escolar, almoxarifado e depósito de livros.

Apesar de ser a segunda maior escola da rede estadual de ensino em número de matrículas no município de Porto Nacional, sua infraestrutura ainda não atende plenamente às demandas da comunidade escolar, principalmente no que se refere a recursos tecnológicos, acessibilidade e espaços adequados para a prática esportiva. Com a implantação do Novo Ensino Médio, conforme a Lei nº 13.415/2017, a escola passou a oferecer os itinerários formativos,

possibilitando aos estudantes a escolha de áreas de aprofundamento de acordo com seus interesses, habilidades e projeto de vida, com carga horária total de 3.000 horas ao longo dos três anos. Em 2023, o modelo passou por adequações determinadas pelo Ministério da Educação, e a escola vem se adaptando às novas orientações curriculares.

A instituição desenvolve também diversas atividades extracurriculares e culturais ao longo do ano letivo, como projetos pedagógicos interdisciplinares, eventos escolares, gincanas, projetos de leitura, atividades artísticas, esportivas e realização da semana cultural. Destaca-se ainda a parceria com a Universidade Federal do Tocantins por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilita a atuação de acadêmicos na escola, fortalecendo a prática pedagógica, a inovação metodológica e a integração entre universidade e educação básica.

INTRODUÇÃO

O presente relatório tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência pedagógica vivenciada durante a realização da Exposição Temática da Consciência Negra, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira, em Porto Nacional – TO. A atividade teve como eixo central a utilização do cinema como ferramenta pedagógica (filmes) para o debate sobre a história, a cultura e a identidade afro-brasileira, envolvendo estudantes do 2º e 3º ano do ensino médio.

A proposta buscou promover uma abordagem crítica e reflexiva acerca das questões étnico-raciais, conforme orienta a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Além disso, a atividade se fundamenta na perspectiva de uma educação emancipadora, que valoriza o protagonismo discente, conforme defendido por Paulo Freire (1996).

DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE – PRODUÇÃO E CURADORIA DOS FILMES

A experiência de desenvolver a exposição sobre a Consciência Negra por meio do cinema foi extremamente significativa e enriquecedora. A proposta central do projeto consistiu em envolver os alunos na curadoria do conteúdo, desafiando-os a pesquisar, selecionar e analisar filmes, documentários e curtas-metragens que abordassem temáticas relacionadas à história, à cultura afro-brasileira, ao racismo, à representatividade e às lutas do povo negro, como *Pantera Negra*, *12 Anos de Escravidão*,

Cidade de Deus, *Selma: Uma Luta pela Igualdade*, *Histórias Cruzadas*, *Quilombo* e *Estrelas Além do Tempo*, que contribuíram para ampliar o olhar crítico dos estudantes e fortalecer a compreensão sobre a importância da valorização da identidade e da cultura negra na sociedade.

O planejamento da atividade priorizou o protagonismo estudantil, permitindo que os alunos assumissem o papel de pesquisadores, selecionadores e mediadores do conhecimento. Essa metodologia ativa dialoga com os pressupostos de Freire (1996), ao afirmar que o estudante deve ser sujeito do processo de aprendizagem, e não apenas um receptor de informações. Foi perceptível o grande envolvimento das turmas ao buscarem obras que fossem ao mesmo tempo educativas, críticas e artisticamente relevantes.

Durante esse processo, os estudantes demonstraram autonomia, senso crítico e responsabilidade, analisando enredos, contextos históricos e mensagens sociais veiculadas pelas obras audiovisuais. Esse movimento favoreceu a construção de conhecimentos significativos e possibilitou reflexões profundas sobre as desigualdades raciais, a valorização da cultura negra e o combate ao preconceito.

EXPOSIÇÃO TEMÁTICA

A culminância do projeto ocorreu com a montagem da exposição temática, etapa que representou o ápice de todo o trabalho desenvolvido. Os alunos organizaram painéis expositivos contendo cartazes, sinopses dos filmes, imagens, ilustrações e informações históricas. Cada grupo foi responsável por apresentar ao público seu material, explicando o motivo da escolha da obra e sua relevância social. Essa fase, denominada Fase 3: Exposição e Apresentação, proporcionou um espaço de socialização do conhecimento, estimulando a oralidade, a comunicação, a argumentação e o trabalho coletivo. A apresentação dos cartazes possibilitou que os estudantes expressassem suas percepções sobre a importância da Consciência Negra. A realização dessa etapa contou com o apoio do PIBID, que possibilitou recursos pedagógicos e a mediação necessária para que os alunos assumissem protagonismos na exposição.

RESULTADOS E IMPACTOS PEDAGÓGICOS

A atividade foi extremamente positiva tanto do ponto de vista pedagógico quanto no que diz respeito ao engajamento dos estudantes. Durante a atividade, observamos o quanto os alunos ampliaram seus conhecimentos sobre a história da população negra, a cultura afro-brasileira e as diversas formas de enfrentamento ao racismo.

A confecção dos cartazes mostrou-se uma estratégia eficaz para estimular a criatividade, o pensamento crítico e a expressão artística, permitindo que os alunos externalizassem suas opiniões de maneira significativa. Além disso, o trabalho em grupo favoreceu o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, como a cooperação, a empatia, a comunicação e a resolução de conflitos.

Segundo Munanga (2005), a valorização da identidade negra no ambiente escolar é um dos caminhos para o enfrentamento do racismo estrutural. Nesse sentido, a atividade contribuiu diretamente para a formação de uma consciência crítica nos alunos, permitindo que eles se reconhecessem como sujeitos históricos e culturais. Ao final da

exposição, foi perceptível que os estudantes demonstravam maior sensibilidade quanto às questões raciais, além de uma visão mais crítica sobre o papel da mídia na representação das diferentes culturas. Como destaca Gomes (2012), discutir relações étnico-raciais na escola é fundamental para a construção de uma educação democrática e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Exposição Temática da Consciência Negra por meio do cinema constituiu-se como uma experiência pedagógica extremamente significativa, revelando o potencial do audiovisual como ferramenta didática no ensino de temas sociais relevantes. A participação ativa dos estudantes, o envolvimento com o conteúdo pesquisado e a socialização das produções garantiram uma aprendizagem crítica, reflexiva e transformadora.

Para nós, pibidianos, a experiência foi igualmente enriquecedora, pois possibilitou a vivência do cotidiano escolar, o planejamento de atividades significativas, a reflexão sobre as práticas pedagógicas e o desenvolvimento da identidade docente. O apoio do PIBID foi essencial para o êxito da atividade, ao proporcionar suporte pedagógico, acompanhamento formativo e a oportunidade de atuação direta na escola.

Assim, a atividade contribuiu de forma expressiva para a formação dos alunos enquanto cidadãos críticos e conscientes, bem como para o fortalecimento de nossa formação inicial como futuros professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". *Diário Oficial da União*, Brasília, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Capítulo 6

Religiões de Matriz Africana: Contextualização, Significados e Contribuições para o Ensino de Geografia

Paulo Roberto Sales Cardoso
Weberson Timóteo dos Santos
Murilo Henrique Lisboa Gomes
Denis Ricardo Carloto

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), realizada no município de Porto Nacional, no Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira. As atividades foram desenvolvidas com a turma 23.03, no contexto das ações do PIBID, que busca aproximar os acadêmicos da prática docente no ambiente escolar. A experiência relatada teve como foco o estudo das religiões de matriz africana, abordadas a partir de sua importância histórica e cultural na formação da sociedade brasileira. O tema foi trabalhado nas aulas de Geografia, relacionando os conteúdos da disciplina com aspectos culturais e sociais, com o intuito de ampliar a compreensão dos alunos sobre a diversidade religiosa presente no Brasil e promover o respeito às diferentes manifestações religiosas.

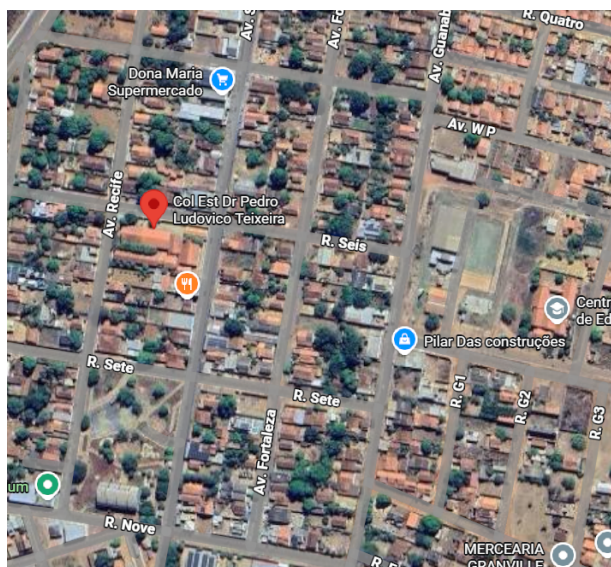
CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Figura 1: Fachada Pedro Ludovico Teixeira



O Colégio Estadual Dr. Pedro Ludovico Teixeira é uma instituição pública de ensino localizada na Avenida Sergipe, s/nº, Setor Novo Planalto, em Porto Nacional, Tocantins. Atualmente, a escola oferece as etapas do Ensino Fundamental — do 1º ao 9º ano — e o Ensino Médio. No ano de 2025, está matriculado um total de 766 alunos, sendo 476 no período matutino e 290 no vespertino.

Figura 2: Cidade de Porto Nacional - Localização Setor Novo Planalto



Fonte: Google Maps, 2025.

Em relação à estrutura física, o colégio possui 33 espaços físicos, distribuídos em 15 salas de aula climatizadas, um laboratório de

Ciências, uma biblioteca, uma sala de recursos multifuncionais, sala da direção, salas de coordenação pedagógica e de área, secretaria escolar, sala da equipe multiprofissional, coordenação financeira, sala dos professores, sala de apoio, dois banheiros destinados aos estudantes, dois banheiros para servidores, cozinha escolar, almoxarifado e depósito de livros.

CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA: RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

As religiões de matriz africana, como o Candomblé, Umbanda, Batuque, Tambor de Mina, entre outras, possuem origem nas tradições espirituais dos povos iorubás, jejes, bantus e demais etnias africanas trazidas para o Brasil. Essas tradições foram historicamente marginalizadas, alvo de perseguições e preconceitos, especialmente devido à intolerância religiosa e ao racismo estrutural.

Apesar das pressões sociais, as religiões afro-brasileiras preservaram importantes valores, como ancestralidade, coletividade, respeito à natureza e equilíbrio espiritual. Seus rituais, símbolos e práticas desempenham papel significativo não apenas no âmbito religioso, mas também nas artes, na música, na culinária e na linguagem. Compreender sua trajetória é crucial para uma sociedade sem intolerância religiosa.

ELABORAÇÃO DA OFICINA

A oficina foi planejada de maneira participativa, com o objetivo de estimular o conhecimento dos estudantes sobre a diversidade religiosa e cultural presente nas tradições afro-brasileiras. Durante a fase de elaboração, realizou-se uma contextualização histórica das religiões de matriz africana, destacando a trajetória dos povos africanos no Brasil e os processos de resistência que possibilitaram a preservação de seus sistemas religiosos.

O planejamento também considerou a percepção inicial dos alunos, pois alguns tinham uma má impressão ou acreditavam que apenas as religiões católica e evangélica eram válidas. Para promover uma compreensão mais ampla, as atividades foram estruturadas de forma prática e envolvente. Os estudantes produziram materiais que organizaram a sala temática, exploraram os orixás, os rituais, as músicas e os alimentos típicos, de modo que conhecessem a importância das religiões de matriz africana e sua contribuição para a sociedade brasileira.

Além disso, os estudantes participaram ativamente da produção dos materiais da oficina, como cartazes, figuras dos orixás e instrumentos simbólicos, e se responsabilizaram pela compra e preparo de alimentos típicos, representando a cultura alimentar associada a essas tradições. Esses elementos simbólicos e práticos foram planejados para aproximar os participantes das práticas culturais e religiosas das tradições afro-brasileiras.

Imagem 1 - Comidas típicas



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 2 – Entidades



Fonte: Acervo pessoal

EXECUÇÃO DA OFICINA

A oficina ocorreu de maneira participativa, envolvendo os estudantes em atividades que estimularam o conhecimento sobre a diversidade religiosa e cultural presente nas tradições afro-brasileiras. Inicialmente, foi apresentada uma contextualização histórica das religiões de matriz africana, destacando a trajetória dos povos africanos no Brasil e os processos de resistência que possibilitaram a preservação de seus sistemas religiosos.

Os estudantes organizaram a sala temática, transformando o espaço em um ambiente interativo e educativo. Nesse contexto, apresentaram os materiais produzidos, explicaram o significado dos elementos culturais e compartilharam informações sobre os orixás,

rituais, músicas e alimentos típicos. A participação ativa dos estudantes possibilitou que todos os presentes compreendessem melhor a diversidade religiosa e cultural, promovendo respeito e valorização das tradições afro-brasileiras. A execução da oficina culminou no evento realizado em 19 de novembro, em alusão ao Dia da Consciência Negra, quando a sala temática foi aberta para a comunidade escolar. Nesse espaço, os participantes puderam interagir com os materiais, textos, imagens, vídeos educativos e comidas típicas, socializando os conteúdos trabalhados e contribuindo para a desconstrução de estereótipos associados às tradições afro-brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o estudo das religiões de matriz africana é essencial para compreender a formação sociocultural do Brasil e para promover o respeito à diversidade religiosa. A análise realizada evidenciou a riqueza histórica dessas tradições, sua relevância espiritual e cultural e a necessidade de combater estigmas associados a elas. Além disso, a experiência obtida por meio das atividades, especialmente com a realização da sala temática, reforçou a importância do conhecimento cultural e da educação como ferramentas fundamentais no enfrentamento da intolerância religiosa. Com o desenvolvimento das atividades, os estudantes passaram a reconhecer a importância das religiões de matriz africana, compreendendo melhor seus valores, sua história e sua contribuição para a sociedade brasileira. Dessa forma, reconhecer e valorizar essas religiões significa também reconhecer a contribuição dos povos africanos para a formação da identidade cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Capítulo 7

Tabuleiro Clima e Tempo: uma maneira lúdica de aprender Geografia

Auricélia Magalhães Lima
Gislaine Ferreira Matos
João Paulo Lisboa Gomes
Sávia Souza Castro
Francisca Bispo de Souza
Denis Ricardo Carloto

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), a partir do planejamento e da execução do jogo didático “Tabuleiro Desafios do Clima”, aplicado junto a estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola CEMIL Professor Florêncio Aires, no município de Porto Nacional-TO, em novembro de 2025. A proposta fundamentou-se na utilização de metodologias ativas, compreendendo o jogo como um recurso pedagógico capaz de promover a aprendizagem significativa, a participação dos estudantes e a articulação entre teoria e prática no ensino de Geografia (KISHIMOTO, 2011; MORAN, 2018).

A atividade contemplou os objetos de conhecimento trabalhados nas aulas regulares, tendo como referência o livro didático adotado pela escola e as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em especial, dialogou com a habilidade EF06GE05, que prevê a análise da relação entre padrões climáticos, tipos de solo, formas de relevo e formações vegetais, favorecendo a compreensão integrada dos elementos naturais que compõem o espaço geográfico (BRASIL, 2018). Nesse sentido, o jogo possibilitou aos estudantes estabelecer conexões entre os conteúdos abordados, estimulando o raciocínio geográfico, a tomada de decisões e o trabalho colaborativo.

Além disso, a experiência evidenciou o potencial dos jogos didáticos como estratégias mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para tornar as aulas mais dinâmicas, contextualizadas e significativas, especialmente no Ensino Fundamental, etapa em que a ludicidade desempenha um papel central no desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes (ANTUNES, 2014; VYGOTSKY, 2007). A atuação no PIBID também reforçou a importância da formação inicial docente articulada à realidade da escola pública, promovendo reflexões sobre práticas pedagógicas inovadoras no ensino de Geografia.

DESCRIÇÃO DO CASO: CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A unidade escolar onde a prática pedagógica foi realizada tem como missão e objetivo assegurar a formação completa dos estudantes e a excelência no ensino e aprendizado, além da gestão educacional, através do envolvimento efetivo de todos os participantes. Observando o projeto de vida e a formação de protagonistas juvenis, busca-se formar cidadãos independentes e competentes, promovendo a cidadania plena por meio de uma carga horária estendida e de atividades diversificadas.

A escola, que possui o Código INEP 17024790, pertence à rede pública de educação do Estado do Tocantins, compondo a rede das Unidades Escolares da Superintendência Regional de Educação de Porto Nacional. Localiza-se no Setor Jardim Brasília, uma área central de Porto Nacional-TO, e ocupa uma grande área, estruturada em um prédio que atende 434 alunos.

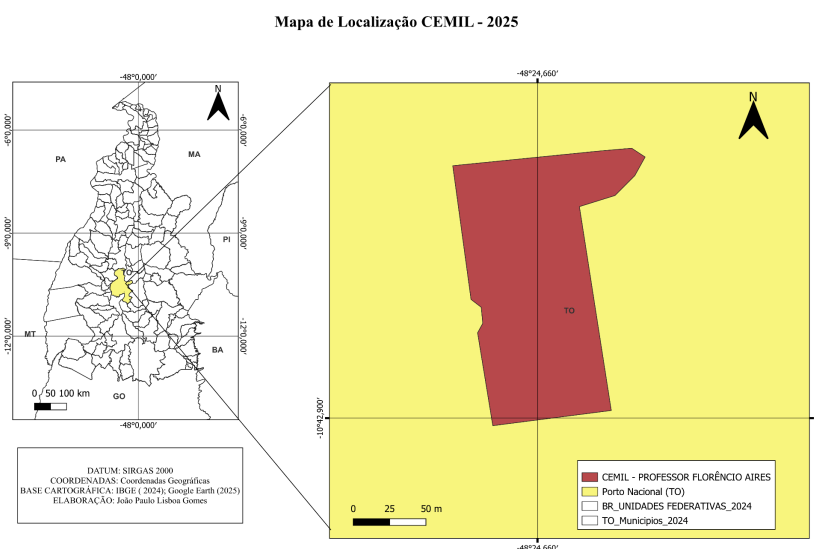


Fonte: Acervo Pessoal



Fonte: Google Earth Pro

Figura de localização CEMIL-2025



Atualmente, o CEMIL Professor Florêncio Aires oferece as seguintes modalidades de ensino: Ensino Integral Fundamental II (6º ao 9º ano), não regulamentado; Ensino Médio Regular (1ª a 3ª série), regulamentado pela portaria nº 733 de 08/05/2020, com efeito retroativo a 01/01/2019; e conta também com o Programa Jornada Ampliada. A escola tem 24 professores, todos efetivados pelo estado, além de dois gestores, sendo um responsável pela parte pedagógica e o outro pelo setor disciplinar. Neste ano de 2025, a escola se tornou cívico-militar de Bombeiros.

O total de estudantes matriculados no ensino fundamental (6º ao 9º ano) é de 210, dos quais 11 estão na sala de recursos, e a faixa etária varia de 10 a 15 anos. No ensino médio, são 224 alunos, sendo que 11% desses estudantes estão em situação de distorção de idade e série, e 25 foram inseridos no Ciclo III.

Segundo o Plano Político Pedagógico (PPP), o público-alvo atendido é formado por jovens, pré-adolescentes e adolescentes de várias classes sociais. A maioria dos alunos vem de escolas da periferia da cidade e outros de escolas particulares, sendo que muitos são provenientes de famílias que vivem em condições de vulnerabilidade social e com baixo nível de escolaridade, com renda dependente de programas sociais.

A instituição de ensino CEMIL Professor Florêncio Aires possui uma estrutura que atende às necessidades dos estudantes e do corpo docente. O ambiente escolar apresenta salas de aula que acomodam as modalidades do Ensino Integral Fundamental II (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio Regular (1ª a 3ª série), além de um espaço para refeitório e socialização. Para tornar o ambiente escolar mais relevante, há espaços educativos como: laboratório de informática (com Chromebooks à disposição dos estudantes), laboratório de Ciências (Química e Biologia), sala de multimídia, biblioteca e auditório. Em relação ao ambiente esportivo, a escola carece de uma quadra que possa atender às necessidades dos estudantes.

Diversas atividades são realizadas durante o ano letivo, entre as quais se destaca o Projeto de Vida, que é trabalhado tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, com o objetivo de ajudar os alunos a ampliar seu autoconhecimento e repertório de vida. As Eletivas são escolhidas pelos alunos em um “Feirão das Eletivas”, onde eles selecionam as modalidades que mais se identificam. A escola participa ativamente do JETS, que é um jogo esportivo entre as escolas, com diversas modalidades, incluindo futsal, vôlei, natação, atletismo, entre outras.

TABULEIRO: “JOGO DO CLIMA”

O tabuleiro intitulado “Jogo do Clima”, como ilustrado na Imagem I, é um percurso de saída a chegada constituído por 112 casas, sendo 37 nuvens, 31 pontos de interrogação (onde são realizadas as perguntas) e 17 casas com bônus ou penalidades.

assegurar a equidade na dinâmica do jogo e evitar qualquer tipo de benefício indevido aos participantes.

Na sequência, realizou-se uma simulação da atividade, durante a qual foram explicadas aos estudantes as regras do jogo e seu funcionamento, a fim de esclarecer o percurso da dinâmica e favorecer a compreensão coletiva sobre o desenvolvimento da oficina, conforme ilustrado na Imagem III.

Imagem III – Realizando a oficina



Fonte: Acervo pessoal

Para iniciar o jogo, optou-se por que os alunos tirassem 0 ou 1 para decidirem quem começaria seguindo o sentido horário. Ao jogar o dado, os alunos deslocavam-se a quantidade de casas correspondente ao resultado. A gincana se mostrou muito interessante na turma do 6º ano um (62.01), pois os alunos demonstraram maior comprometimento e interesse pelo respectivo objeto de conhecimento. Na turma do 6º ano dois (62.02), a dinâmica foi pouco contemplada por alguns alunos, que apresentaram dificuldades em responder às perguntas propostas pelo jogo.

A atividade foi realizada com estudantes dos sextos anos, com idades entre 10 e 11 anos, onde na sala do 62.01 estavam presentes 22 alunos, enquanto na 62.02 foram 24. A oficina se mostrou muito interessante, permitindo que os estudantes demonstrassem o que aprenderam e colocassem em prática.

METODOLOGIA

A oficina seguiu alguns processos metodológicos: a) rodas de conversa com a equipe do PIBID para decidir qual oficina se adequaria aos conteúdos e alunos, a partir de experiências com oficinas anteriores; b) definição de que a oficina seria baseada em um tabuleiro criado para um projeto de TCC, de autoria de Vilma Dias da Silva, que aborda “O Jogo do Clima como ferramenta para o ensino de Geografia”; c) confecção de cartões de perguntas e respostas com alternativas de múltipla escolha, baseadas no conteúdo aplicado em sala; d) impressão do modelo do tabuleiro pronto para dar sequência à dinâmica; aquisição de 23 peças de jogos, 5 dados e 4 tabuleiros; e e) aplicação da atividade prática com os estudantes.

DISCUSSÃO

A gincana teve como objetivo utilizar uma metodologia ativa, em que o estudante é o centro do aprendizado. Optamos pelo jogo, pois, segundo Diniz e Fortes (2019), os jogos lúdicos são excelentes estratégias para trabalhar as habilidades e a imaginação dos estudantes em sala de aula. Além disso, facilitam o ensino-aprendizagem, permitindo o desenvolvimento de qualquer conteúdo de Geografia, especialmente por ser uma atividade que promove o trabalho em grupo e gera integração social entre os alunos.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma oportunidade para aprimorar nossa experiência em sala de aula. O edital CAPES nº 10/2024 busca: a) induzir a pesquisa, a extensão e a produção acadêmica de modo colaborativo, com base no contexto escolar; b) enriquecer a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; e c) propiciar aos estudantes de licenciatura a vivência da cultura escolar e do magistério, por meio da apropriação e reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente. (CAPES nº 10/2024)

CONCLUSÃO

Esta experiência foi muito válida e atingiu os objetivos esperados, Denis Ricardo Carloto além de termos sido bem recebidos pelos estudantes, pela professora supervisora e pela direção da respectiva escola.

Entretanto, houve alguns desafios na aplicação da proposta, como a falta de colaboração de alguns estudantes, que demonstraram desinteresse e até mesmo vergonha. Esse comportamento, por vezes, é recorrente entre alguns alunos, conforme observamos em sala de aula durante nossa atuação como bolsistas.

Com isso, podemos perceber a importância do PIBID para os professores em formação inicial, assim como para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira. Esperamos que nosso relato possa contribuir para inspirar ações semelhantes em outros espaços escolares.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verso_ofinal_site.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.
- DINIZ, Ana Cláudia Araújo; FORTES, Mircia Ribeiro Fortes. A importância das práticas e recursos didático-pedagógicos para o ensino de Geografia. *Revista Ensino de Geografia* (Recife), v. 2, n. 1, p. 18-36, 2019. Disponível em: [suspicious link removed]. Acesso em: 15 dez. 2025.
- KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORAN, J. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Porto Alegre: Penso, 2018.
- SILVA, Vilma Dias. O jogo do clima como ferramenta para o ensino de Geografia. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2023.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sobre o organizador e os autores

Prof. Dr. Denis Ricardo Carloto (Organizador)

Professor Doutor dos Cursos de Graduação em Geografia da UFT de Porto Nacional-TO, Coordenador da Área de Geografia PIBID-UFT campus de Porto Nacional-TO.

Profa. Francisca Bispo de Souza (Supervisora)

Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFSM), mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e professora de Geografia na rede Estadual do Tocantins. Atua como supervisora no Projeto Iniciação à Docência-PIBID/UFT na Escola CEMI Professor Florêncio Aires.

Prof. José Renan Araujo Souza (Supervisor)

Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), mestrando em Geografia, professor de Geografia na rede estadual de ensino do Tocantins e atua como supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no CMTO Custódia da Silva Pedreira.

Prof. Murilo Henrique Lisboa Gomes (Supervisor)

Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), especialista em Metodologia do ensino de Geografia e meio ambiente pela faculdade IBRA, professor de Geografia na rede estadual de ensino e atua como supervisor do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Colégio Estadual Drº Pedro Ludovico Teixeira.

Marciano Ferreira dos Santos Neto

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Tainara Rodrigues Rocha

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Elenilda Cardoso de Castro

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Guilherme Vieira Machado

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Darlene Ribeiro Magalhães

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Flávio Henrique Menezes Assunção

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Geovanna Matos de França

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Jovina dos Reis Neto

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Kauane Fernandes Barbosa

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Luiza Pereira Silva Neta

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Quezia Daniela Pereira Gomes Oliveira

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Takalami de Aquino Souza Santos

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Sávio Cirqueira Cunha

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Tallysson Andre Sales Pereira

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Bruno Freire da Silva

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Maria Dalila Pereira

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Paulo Bruwe Xerente

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Thiago Teles de Souza

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Paulo Roberto Sales Cardoso

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Weberson Timóteo dos Santos

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Auricélia Magalhães Lima

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Gislaine Ferreira Matos

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

João Paulo Lisboa Gomes

Acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

Sávia Souza Castro

Acadêmica do curso de Licenciatura em Geografia da UFT Campus de Porto Nacional-TO; Bolsista do PIBID.

